

Patrícia Reis

O que nos separa  
dos outros  
por causa de um  
copo de whisky

Novela





## 辯解

Desculpa.

Eu podia dizer que conheço Macau. Contar histórias que li em guias ou em livros, citar um poeta. Enfim, podia. Não quero. Não posso. A verdade é que o amor não tem língua e eu fiquei a olhar-te para saber se a língua que nos separa é um mar calmo onde exista salvação. Sim, estou aqui para me salvar.

Se tu me salvares, será melhor. Terá mais romantismo, um lado inesperado, uma reviravolta, quase como nos filmes. Se tu me salvares.

Caso contrário, estou no sítio errado e amanhã terei apenas mais uma ressaca da qual sairei com humor, com a tal graça de que todos me acham proprietário e que apenas me diminui, embora não o possa confessar. Estou numa noite má, já vêes.

Hoje serás o meu alvo.

A possibilidade de acalmia.

O horizonte limpo, as nuvens sem água.

O que nos separa é apenas um pouco de madeira. Tu aí, eu aqui. Sem saberes posso usar-te e, com um ligeiro truque que funciona bem para me enganar a mim próprio, posso acreditar que nos amaremos ao final da noite. Não de uma forma selvagem ou ansiosa. Não. Com calma, olhos nos olhos e o meu calor no teu calor, um gosto amargo a *whisky* que te contaminará a língua. Faço de ti a minha musa nocturna em paisagens estrangeiras e, pelo que percebo, deve ser indiferente, não te afecta. Não sabes. Esse desconhecido é-me confortável. Faço o copo rodar na minha mão, as pedras de gelo a diluírem-se, e tenho pena dessa morte lenta da água. Faz-me lembrar o que não quero.

Assim, para me salvar disso mesmo, de uma lassidão mortíça, de uma mordaz existência, procuro ver-nos como amantes. Amantes por inteiro. Tu falas na tua língua, eu na minha, sem nos entendermos iremos saber o que cada corpo quer. Não te preocupes. A brutalidade não faz parte das minhas fantasias. Fantasias. Eis uma palavra interessante.

Sabes que és ligeiramente estrábica? Não te retira um milímetro de beleza, não te rales. Gosto dessa forma de olhares, quase menina, desconcertada. Uma boneca que alguém se esqueceu de levar ao hospital de bonecas. Existia um hospital desses em Lisboa, agora já não sei. Era na Praça da Figueira. Eu gostava de lá ir com a minha prima. Ela deixava as bonecas no hospital para arranjar os cabelos loiros ou os olhos azuis com pestanas longas, a piscar. Ganhávamos, depois do hospital das bonecas, um *éclair* de chocolate da Confraria Nacional. Subíamos ao Chiado e, quando chegávamos à Rua das Flores, a casa da minha Avó, cansados e com a boca ainda suja, só pensávamos em água, em beber água.

A minha prima tornou-se numa professora de português chata, irritante, cheia de citações deste e daquele. Devem contratar pessoas como a minha prima para compilar os dicionários de citações que se vendem por aí. Os cronistas agradecem. Os editores de revistas da moda também. Nada é melhor do que uma citação para validar o pensamento.

Podes não concordar. Tenho essa flexibilidade. Julgava que me tinha tornado num homem diferente do miúdo que a minha prima teimava em fazer sofrer, ela agarrada à garrafa de água fresca, tirada do frigorífico, e que lhe matava a sede depois do *éclair*. Eu nunca me aborreci. Gostava de a ver beber, a cabeça para trás, um rio aos sulcos na garganta. Não era bonita, mas eu gostava dela. Diria que ela mudou muito, transformou-se, esqueceu-se das brincadeiras de criança e dos bolos e tornou-se numa daquelas mulheres que está sempre cansada. Eu permaneci o miúdo que espera, obediente, calado, antecipando o gozo do beber da água. O gozo? Minto. Isso mudou. As expectativas que

tenho não são nada, não afectam ninguém. Nem mesmo eu espero seja o que for de mim próprio. Para quê?

Pensarás que sou mais um homem estranho, um ocidental com fantasias estúpidas e memórias sem interesse. Pode ser que tenhas razão. Se quiser analisar a minha condição de recém-chegado, posso afirmar que Macau também é isso: um lugar para perder a razão. Pelo menos, será esse o caminho que vejo, um fim que a terra comeu. Para mim. Foi por impulso, por insanidade momentânea, que não demorei mais do que trinta segundos a aceitar este trabalho. Um mês na universidade a ensinar algo que não se ensina: a escrever. A ser criativo.

Hoje tudo é criativo.

Tudo é pensado «fora da caixa».

O que ninguém explica, por não ser conveniente, é que escrever o A e o B, juntar as letrinhas, é simples: aprende-se em pequeno. Escrever criativamente não se define. É uma manobra de *marketing*. Existem manuais com exercícios, e um potencial aspirante a

escritor frequenta estes cursos na esperança de conseguir perceber como pode chegar à Literatura. Sim, existe a Literatura e depois o resto. Eu cito autores, dou exemplos, peço exercícios mais ou menos divertidos e, por vezes, encontro alguém que se destaca, que tem uma voz, algo que os outros não têm.

Ser criativo será isso? Uma assinatura específica, uma capacidade de escrever de forma que espanta?

Tive um aluno que me tirou o chão quando no final de um conto mencionou «os pombos com asma». Nunca me ocorrera. Mas era uma boa imagem e servia o propósito. Dei-lhe uma classificação alta. Dou quase sempre.

Sou aquele que os alunos gostam de ter à mesa na cantina. Não maço. Sou um deles sem o ser. E todos esperam que seja criativo. Se não for, cuidado, o mundo torna-se uma maçada e estamos já cilindrados, sobrevivemos no fio de arame que é a segurança virtual do Facebook. Frases feitas, excertos de filmes, músicas tiradas do Youtube. Zero de criatividade, diria. Um dos meus exercícios de eleição é verificar

O que nos separa dos outros por causa de um copo de whisky

a autenticidade daquelas tiradas universais e absolutas, tipo

*Deus é grande. Não estamos sozinhos.*

Madre Teresa de Calcutá

Ou, terás de me perdoar, lembro-me bem dos poetas de que gosto e este, tenho a certeza, é pouco provável que conheças

*Seja dito que vós, os desta nação, ignorais muitas coisas. Talvez Deus vos não inspire.*

Herberto Helder

É a assinatura que me atormenta. Será que corresponde à verdade? Será uma invenção de mais uma alma solitária no mundo dentro da nuvem? Sabes o que é a nuvem? Desculpa: iCloud. Uma nuvem que teima em ter um I como se o I fizesse a diferença. Deve fazer. Há frases piores do que estas, garanto. Então, eu meio desvairado procuro na Internet, incansável, ando à cata, volto aos livros, um soldado nas trincheiras. É imperativo validar a frase.

Uma urgência médica da Literatura. Seja ela qual for. O objectivo é simples: preciso de saber se foi mesmo dita, ou escrita, pela senhora ou senhor, ou se alguém a inventou. Há pessoas com muita imaginação. Será que o poeta – aquele poeta em especial – escreveu assim? Tal e qual? É um consolo quando a veracidade me é devolvida. Uma frustração quando penso na falsidade de tudo.

Sou, disse-me uma mulher muito inteligente, um desvairado da verosimilhança.

Sabes que circula pelas redes sociais uma carta de despedida assinada pelo Prémio Nobel García Márquez? É uma carta comovente, embora não a tenha escrito. A primeira vez que a li, admito sem corar, senti uma certa inveja do velho. Um escritor que, depois de todos os livros, ainda possuía a capacidade de se expor numa carta tão clara, íntima, reveladora. Não faço ideia de quem a escreveu, o certo é que circula, fazem-se desmentidos, a carta desaparece e volta a emergir. Na Internet não se perde nada. Imagino o autor, ou autora, da carta e tento compreender o nível

de prazer que pôde ter naquele gesto bizarro de escrever algo com um nome falso, apropriando-se da vida de uma outra pessoa para morrer neste mundo.

O escritor, é evidente, estava-se nas tintas. Isto começou há uns anos. A carta é uma despedida, um prenúncio de morte. O homem continuava vivo. Não sei se ainda a escrever. O primeiro livro dele que li chama-se *O Amor nos Tempos de Cólera*. Foi-me oferecido pelo amor da minha vida numa determinada altura. Aquele amor que se vive aos vinte anos, época de possibilidades infinitas: sabemos tão pouco e acreditamos que tudo é sentido com o dobro da intensidade. Estávamos na cama, nus, e ela deu-me o livro. Foi um gesto lânguido precedido por um suspiro. O corpo dela, suado, não cheirava a suor, cheirava a amor.

Minto.

Tínhamos fodido. Há uma diferença. Cheirava a sexo. Com aquela idade – para mim – o amor estava concentrado no prazer do corpo, não me importava nada com o que ela

pensava, portanto não se tratava de «fazer o amor», mas de foder. A oferta surpreendeu-me, sorri, acendi um cigarro. Ainda fumava, à época. Todos fumávamos, não era uma possibilidade, antes uma exigência do grupo. Comecei a ler a última frase. Ela tirou-me o livro das mãos, zangada. Aquela ideia de ler a última frase do livro ofendia-a. Lembro-me de o livro ter caído, voltei a concentrar-me no seu pescoço, nos mamilos, no sexo, e a Literatura foi-se. Foder também era em silêncio.

A rapariga sumiu como todas acabam por fazer. Mantive o livro e a dedicatória

*Espero, um dia, viver um amor assim.*

Certo. Um amor de espera, de mal-entendidos, de cinquenta e tal anos de traição? Isto foi o que pensei quando, por fim, me decidi a ler o tal livro, meses depois de aquele corpo ter desaparecido para o outro lado da rua, um país distante.

Que idade terás tu? Os teus gestos são lentos. A tua roupa é banal. Aliás, tudo isto é

banal. Acabei de tirar umas fotografias com o Instagram para as pessoas saberem que estou aqui.

Sabes o que fotografei? Uma banalidade. A placa em mandarim que está lá fora. Sou um tipo hilariante, não sou? Claro que não sabes, desculpa, como podias tu saber seja o que for sobre mim... Eu tentei, há uns meses, tentei.

Fiz uma lista com as minhas virtudes. Era uma folha A4 sem muitas palavras. Talvez possa destacar uma. Silencioso. Sempre fui. Tenho horror ao ruído. Dos carros, das pessoas nos centros comerciais, o barulho dos que atiram beatas para o chão, dos que gesticulam quando falam. O ruído perturba-me. Há certos timbres de voz que ameaçam, cortam o ar, e sinto a pele eriçada, os nervos de ser agredido por uma voz que, na maioria das vezes, é de um desconhecido. E há gestos que outros consideram isentos de ruído e que são uma banda sonora metálica. Sem harmonia. Ofendem-me. Como ela ficou ofendida por eu querer ler a última página do tal livro. Pode ser que seja o mesmo.

Há muito tempo, estava ainda em Paris, assisti a uma intervenção policial. À porta do prédio, onde tinha um T0 alugado, dois policiais prendiam um homem. Ele movia-se, já no chão, sempre calado. Ninguém dizia nada. As palavras estavam impressas nos corpos dos homens, corpos que se agrediam e debatiam. Todos os gestos, mesmo os mais bruscos – os policiais à Paisana com as algemas, as armas a espreitar debaixo do braço como nos filmes –, tudo isso se passou à minha frente, sem um único som. Existiam os sons da cidade, mas a detenção foi silenciosa. Talvez o criminoso fosse mudo.

Uma vez tive um caso com uma mulher que era muda e quase surda. Era uma mulher muito bela, demasiado bela para ser perfeita. Foi o que pensei mal me estendeu a cara para um beijo apenas, um cumprimento. Quando nos conhecemos fiquei preso à sua condição e beleza. Como alguém que está embaçado, diria a minha Mãe se fosse viva. Adiante. Ela usava um aparelho auditivo que lhe permitia identificar alguns sons e vibrações, e sabia

ler nos lábios alheios. Ler nos lábios é uma expressão perfeita. Ler nos lábios.

Com ela, não sei dizer porquê, fazia amor. A sua mudez não me levava para cenários eróticos, só o facto de estar ali comigo, por querer estar ali, era suficientemente excitante. Mais tarde, soube que esta mulher se casou. Teve filhos. Nenhum é mudo. Ou surdo. Todos dotados de uma beleza cinematográfica. Todos devem saber ler nos lábios. Ler nos lábios. É outra forma de se ser leitor.

Os meus lábios não se mexem. Fico apenas aqui à espera. Sei que amanhã, na universidade, terei honras de professor convidado, porventura um jantar ou algo assim. Nunca se sabe. Trouxe um blazer azul-escuro para a ocasião. Um mês depois tudo pode acontecer. Pode ser que seja capaz de dizer alguma coisa em mandarim. Talvez encontre alunos exemplares que falem português. Dizem-me que Macau está em nós. Como se a história da colonização portuguesa fosse uma impressão digital que deixámos; anos passados, séculos volvidos, voltamos ao território estrangeiro

e reconhecemos o nosso ADN, a marca da nacionalidade. Ser português impresso no mapa do mundo. Não creio nisto. Creio em pouca coisa. A exigência dessa possibilidade – a crença – transtorna-me.

Tive uma educação católica, embora suave, sem grandes alaridos, apenas a missa do galo a seguir à Consoada. Irritava-me a missa e, em simultâneo, todo o teatro de Deus, da morte e do nascimento de Cristo, o filho sentado à direita do Pai, o menino nas palhinhas, um espectáculo de espanto. Durou pouco tempo, essa coisa de ficar a ver a minha Avó repetir

*É nosso dever, é nossa salvação.*

Ou então, a minha Mãe, com as mãos juntas, sempre apertadas uma contra a outra, em coro com os restantes

*Deixo-vos a paz. Dou-vos a minha paz.*

Sentir a comunhão da igreja em uníssono não deixou de me comover. Ainda hoje sou

um agnóstico bem comportado. Quando fiz doze anos, no início de Dezembro, o meu irmão e eu fomos à igreja do bairro e roubámos o menino Jesus do presépio. Nunca o confessámos, tão-pouco fomos descobertos. No dia seguinte, tinha nascido outro boneco. Exibia um semi-sorriso e tinha umas fraldas de pano. Não estava nu. Esse tipo de boneco não tem sexo. Nós ficámos desiludidos. O nosso roubo deixara de ter significado. Roubámos a fralda do menino e percebemos o que é não ter sexo e pernas articuladas. Rimos baixinho. O meu irmão manteve o Jesus criança escondido numa caixa de sapatos debaixo da cama, juntamente com a fralda de pano e outras coisas.

O meu irmão. Morreu. Não é bom ter irmãos que morrem. Eu tive dois. Um que só aguentou até aos seis meses, morte súbita e inexplicável, e um que morreu há dois anos. Atirou-se da ponte mais famosa de Lisboa. O mais estúpido é que a polícia percebeu que havia um homem no tabuleiro da ponte e um agente da autoridade foi na sua direcção,

pronto para lhe falar, para o dissuadir de ir com o vento, de voar. O meu irmão estava ali há quase uma hora e passou outro tanto a trocar palavras com o polícia, palavras que os carros comeram. Por fim, parecia estar quase convencido a voltar para trás, escorregou e caiu ao Tejo. Imagina tu o que ele terá pensado. Eu não consigo. Da mesma forma que não tive coragem de ir contar à minha Mãe. A minha Mãe, a nossa Mãe, órfã de filho e de memória, mais um corpo num lar, a sopa a escorrer pelo canto da boca.

Cá está a banalidade.

Deve ser isto.

Ter cinquenta anos deve ser isto. Perceber que já se viveu mais de metade da vida, que as miúdas não nos apreciam do mesmo modo, que o casamento é um logro e que até as Mães se apagam por desgosto ou egoísmo, nunca se sabe.

Tu tens uma Mãe que toma conta de ti?

O teu corpo é pequeno e movimentas-te com à-vontade. Deduzo que estejas aqui há algum tempo. Há pessoas que te cumpri-